

País retomará crescimento

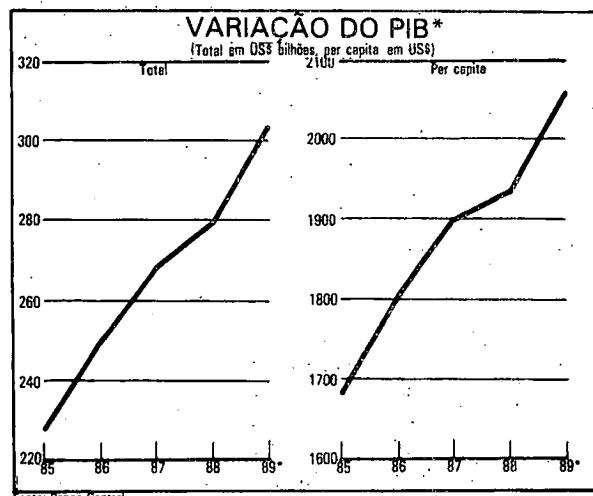
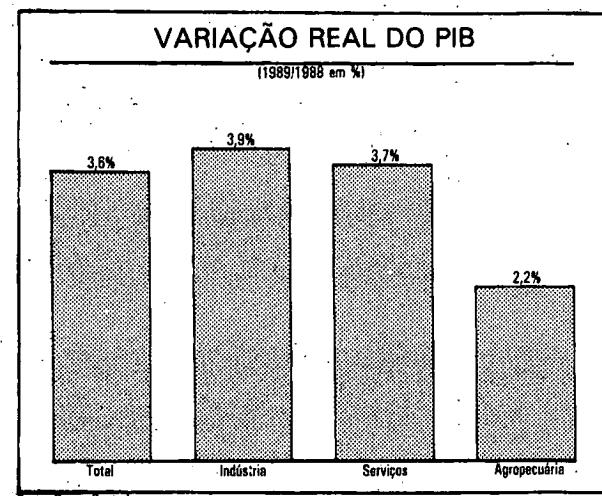
por Vera Saavedra Durão
do Rio

O Brasil poderá voltar a crescer em média entre 2 e 3% a partir de 1992 e encerrar a nova década com taxas mais elevadas de seu Produto Interno Bruto (PIB), entre 4 e 5% ou até 6%, dependendo dos rumos do Plano Collor e da trajetória econômica mundial face ao terceiro choque do petróleo e o fim da guerra fria, que redesenhou o mapa mundi da economia.

Os cenários estratégicos projetados por empresas de porte, entre as quais a Petrobrás e a Shell do Brasil, confirmam essas projeções de economistas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA-RJ), todos destacando as dificuldades atuais para se traçar com alguma precisão os rumos futuros da economia brasileira, envolvida com um plano de ajuste cujo impacto sobre o seu nível de atividade foi o mais "brutal" enfrentado pelo País, tendo garantido de janeiro até junho último uma queda de 3% do PIB, conforme números mais recentes do PIB trimestral medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

DIFÍCIL RECUPERAÇÃO

Levando em conta as agruras de um ano de ajuste econômico, as análises das empresas estatais e multinacionais, ouvidas por este jornal, consideram difícil uma recuperação da economia em 1991. Para o ex-ministro da Fazenda,



Mário Henrique Simonsen, o Brasil ainda tem pelo menos mais um ano de recessão pela frente para derrubar a inflação. Há previsões de estabilidade econômica (crescimento zero) para o próximo ano, com a política de arrocho monetário dando os primeiros resultados no combate à inflação.

Para Eustáquio Reis, do IPEA-RJ, a recuperação econômica do País deve começar em 1992, com taxa de expansão do PIB devendo chegar a 2% em 1992, mesmo que seja por efeito estatístico. Ele projeta uma trajetória lenta de retomada da economia, que poderá expandir-se até 6% no final da década de 90, caso a conjuntura internacional, passado o período de ajuste ao terceiro choque do petróleo, retome sua tendência tradicional de expansão entre 2 e 3% ao ano.

Na década de 80, a média móvel do PIB caiu a nível da década de 50, piorando o

quadro social, a infraestrutura do País e deteriorando os níveis de educação da população, na visão de economistas da FGV. Os maiores desafios para o País, na década que se inicia, são: retomada do crescimento, distribuição de renda e saneamento do Estado. Para se tornar uma economia moderna e crescer ao nível ideal de 6% ao ano, o governo Collor já começou a dar os primeiros passos de um estudo feito pelo IPEA-RJ: combater a inflação, dar uma "folga" na dívida externa e fazer um ajuste fiscal duro o suficiente para recuperar a capacidade de poupança do setor público, hoje com queda de menos 3% do PIB, conforme cálculos de Salomão Quadros, da FGV. A poupança externa, também negativa em menos 8% do PIB, precisa ser recapturada e a poupança privada, com expansão de 17% do PIB, reorientada para investir no setor produtivo.

PIB E FORMAÇÃO DE CAPITAL

(Produto Interno Bruto e formação bruta de capital fixo — FBCF, em CZ\$ 1.000 e NCZ\$ 1.000*)

ANO	PIB	Preços correntes		PIB	Preços de 1980	
		FBCF	FBCF/PIB (%)		FBCF	FBCF/PIB (%)
1979	5.981.236	1.392.588	23,4	11.352.316	2.597.108	22,8
1980	12.399.841	2.835.319	22,9	12.399.841	2.835.319	22,9
1981	24.854	5.630	22,8	11.859	2.485	21,0
1982	51.025	10.895	21,4	11.939	2.330	19,5
1983	118.927	21.333	17,9	11.531	1.961	16,9
1984	393.847	64.784	16,5	12.111	1.958	16,1
1985	1.413.312	240.031	17,0	13.111	2.193	18,7
1986	3.708.949	713.042	19,2	14.099	2.681	19,0
1987	11.899.911	2.624.131	22,1	14.611	2.650	18,1
1988	81.952.490	20.036.559	21,8	14.613	2.525	17,3